

**Combate
ao terrorismo
passa pela
aliança entre
políticos e
militares**

"Para evitar o terrorismo devemos combater as causas e não os sintomas, sendo que a sua erradicação é da responsabilidade dos políticos, devendo para tal contar com as polícias e com as forças armadas", disse o capitão Juan Rodriguez, da Marinha Espanhola, durante a sua intervenção, no segundo dia do II Encontro EuroDefense de Jovens Europeus, que decorre até hoje, na Academia Militar, em Lisboa.

Pág.7

**Ameaça global
da doença das
vacas loucas**

Pág.18

**Alimentação
& Saúde**

Pág.35

**Curiosidades
Históricas**

Pág.36

**Estamos entre os
países que mais
reformas
fez para facilitar
a actividade
empresarial**

Pág.8

O DIA



Director: Antero da Silva Resende | Número: 3757 | Sexta, 10 de Setembro de 2004 | Preço: 1.50 euro

A CONVERSA COM PEDRO HORGAN

"Portugal não valoriza o trabalho manual"



Pág.
2 a 5

"Não há consciência do quanto importante é preservar a memória de um saber transmitido de geração para geração através dos séculos. Estamos a atravessar uma fase ainda muito complicada que a maioria dos países europeus civilizados já ultrapassou."

O BARCO DA VERGONHA

A.S.R.
Os abortadores e abortadeiras que saltam como os golfinhos à volta do barco holandês trazem atrasado o relógio da História. Ninguém revelou as razões da escolha do nosso País para este escândalo das comadres políticas e seus caudatários. Éramos um país periférico,

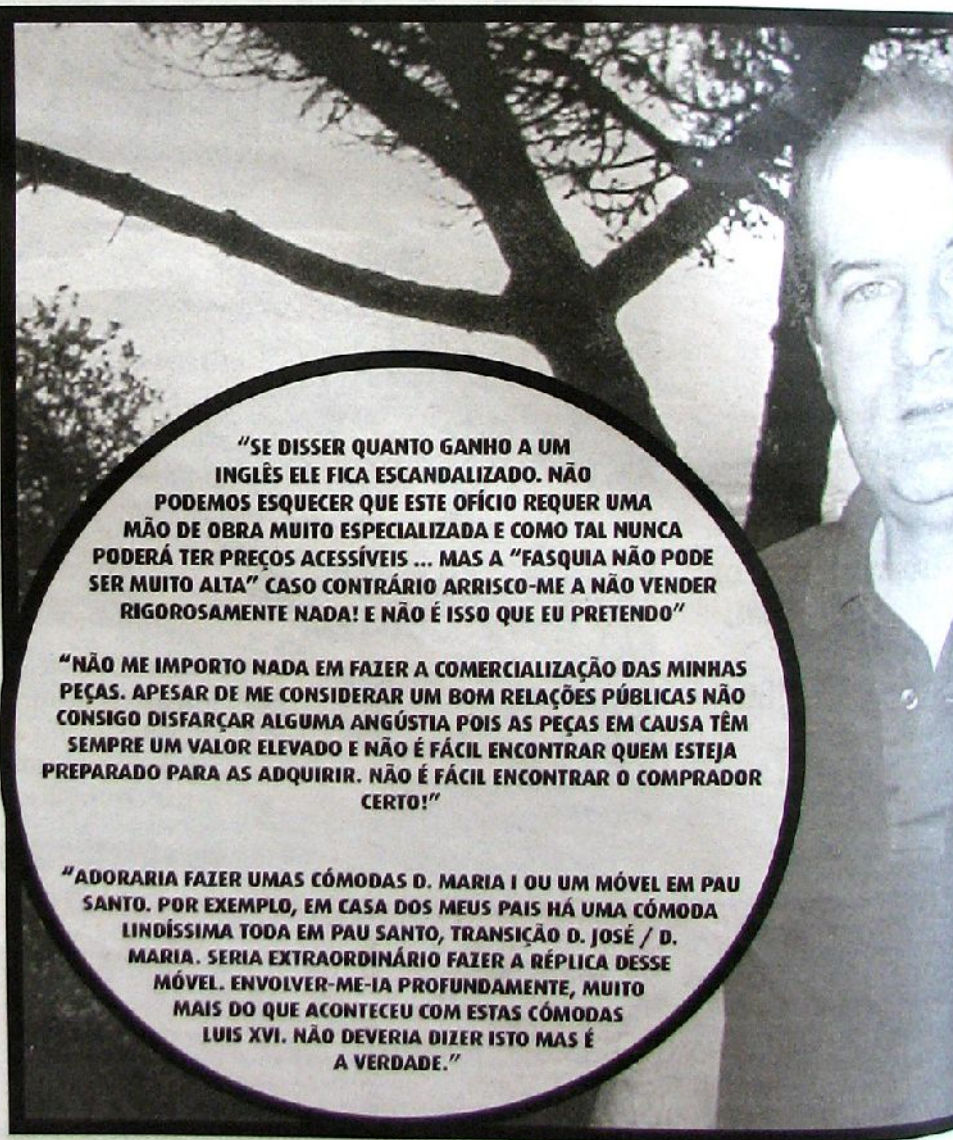
por isso condenado a receber as modas em segunda mão; hoje somos um alvo preferencial de uma fauna marcada nas espaldas como os galerianos para a exibição das suas torpezas.

Pág.40

Entrevista

PEDRO HORGAN, O SENHOR DA ALQUIMIA

Entende-se na paz de um inacessível silêncio e aí se esgota e se renova com prazer numa cumplicidade profunda e inviolável através de um mistério apenas seu onde a contínua transformação dos materiais assume o calor de um abraço que gera múltiplos laços. Sentindo a exiguidade do seu país como um mal que não merecia nem conseguiria suportar eternamente, "exilou-se" na Old England e aí operou-se o milagre do seu rejuvenescimento, encontrando os sinais visíveis que estariam na origem da descoberta do verdadeiro sentido da sua vida. Durante cinco anos trabalhou em hotelaria e restauração mas o desejo de aí fazer carreira esgotar-se-ia definitivamente. Fez as pazes com Portugal depois de ter acreditado num eterno adeus. De regresso, trabalhou em artesanato com uma irmã e mais tarde, ainda mantendo vínculos familiares à sua actividade profissional, associou-se a dois irmãos numa sociedade agrícola que comercializava framboesas e pequenos frutos. Depois, o caminho tornou-se mais visível, revelando-se assim a conquista consciente do seu próprio destino. Pela magia que a nobre marcenaria lhe consagra. A poderosa e divina luz nas mãos e coração de Pedro Horgan.



"SE DISSER QUANTO GANHO A UM INGLÊS ELE FICA ESCANDALIZADO. NÃO PODEMOS ESQUECER QUE ESTE OFÍCIO REQUER UMA MÃO DE OBRA MUITO ESPECIALIZADA E COMO TAL NUNCA PODERÁ TER PREÇOS ACESSÍVEIS ... MAS A "FASQUIA NÃO PODE SER MUITO ALTA" CASO CONTRÁRIO ARRISCO-ME A NÃO VENDER RIGOROSAMENTE NADA! E NÃO É ISSO QUE EU PRETENDO"

"NÃO ME IMPORTO NADA EM FAZER A COMERCIALIZAÇÃO DAS MINHAS PEÇAS. APESAR DE ME CONSIDERAR UM BOM RELACIONES PÚBLICAS NÃO CONSIGO DISFARÇAR ALGUMA ANGÚSTIA POIS AS PEÇAS EM CAUSA TÊM SEMPRE UM VALOR ELEVADO E NÃO É FÁCIL ENCONTRAR QUEM ESTEJA PREPARADO PARA AS ADQUIRIR. NÃO É FÁCIL ENCONTRAR O COMPRADOR CERTO!"

"ADORARIA FAZER UMAS CÓMODAS D. MARIA I OU UM MÓVEL EM PAU SANTO. POR EXEMPLO, EM CASA DOS MEUS PAIS HÁ UMA CÓMODA LINDÍSSIMA TODA EM PAU SANTO, TRANSIÇÃO D. JOSÉ / D. MARIA. SERIA EXTRAORDINÁRIO FAZER A RÉPLICA DESSE MÓVEL. ENVOLVER-ME-IA PROFUNDAMENTE, MUITO MAIS DO QUE ACONTECEU COM ESTAS CÓMODAS LUIS XVI. NÃO DEVERIA DIZER ISTO MAS É A VERDADE."

"UM ENTENDIDO SABE DAR O DEVIDO VALOR A ESTAS PEÇAS, SABE QUE MÉTODOS RIGOROSOS ESTIVERAM NA SUA CONSTRUÇÃO. SÃO OBJECTOS QUE TERÃO SEMPRE VIDA DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, TRANSPORTAM CONSIGO MEMÓRIAS, AFFECTOS QUE ACABAM POR NÃO TER PREÇO. CERTAMENTE QUE SE VÃO VALORIZANDO COM O TEMPO. ESTAS PEÇAS TÊM UMA VIDA, UMA ALMA MUITO PRÓPRIA E COM A QUAL NÓS COMUNICAMOS."

“

SINTO-ME EXTREMAMENTE ACOMPANHADO QUANDO ESTOU A TRABALHAR COM MADEIRA OU NUM MÓVEL. ÀS VEZES TENHO PESSOAS QUE TRABALHAM COMIGO QUANDO HÁ MAIS ENCOMENDAS. TRABALHAR EM CONJUNTO TAMBÉM É MUITO ESTIMULANTE. QUANDO ESTOU SÓ NA OFICINA NÃO DOU PELO TEMPO PASSAR. SINTO-ME COMPLETAMENTE PREENCHIDO.

”



ANTÓNIO JORGE CÂNDIDO
(Texto)
ANA VIEIRA DE SOUSA
(Fotos)

O DIA – Aos 40 anos descobri finalmente a sua vocação após várias procuras, encontros e desencontros. A marcenaria foi uma opção que foi adiando ou tratou-se de uma revelação só própria de um mistério?

P. H. – É uma grande história!

O DIA – Acredito que seja! É possível partilhá-la connosco?

P. H. – (Risos) O encontro com a marcenaria surge através dos meus desencontros anteriores. Quando completei 19 anos, percebi que chegara a hora de sair deste País. Fiz um acordo com o meu pai e fui estudar hotelaria, ou seja, este meu desejo acaba por ser determinado na concordância dos meus pais na minha ida para Londres.

O DIA – A Hotelaria surgiu como um pretexto?

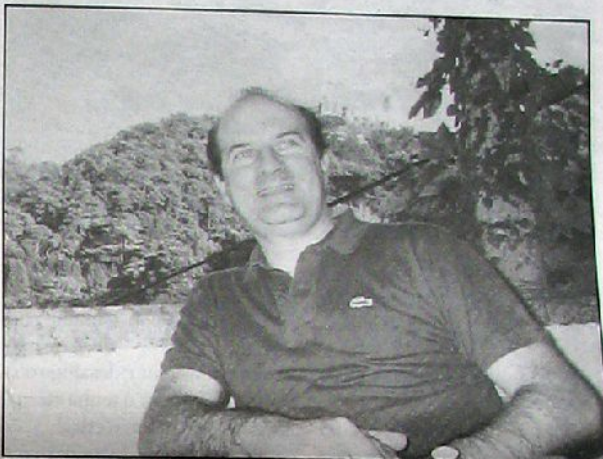
P. H. – Sim! Mas não só para os meus pais! Para mim também! Sentia-me muito limitado. Este País era limitadíssimo, estamos a falar de 1980 ... O meu meio familiar era muito redutor!

O DIA – Quer dizer castrador?

P. H. – Sim, bastante! Sentia um grande vazio com a vida que levava. Não era feliz! Em Inglaterra tive a oportunidade de ser autêntico, de ser eu próprio. Quem gostasse de usar calças roxas ou camisolas laranja ou colocar brincos nas orelhas usava e isso não dava rótulos depreciativos ...

O DIA – Peço desculpa mas não o imagino assim de calças roxas e com não sei quantos brincos na orelha ... Não faz nada o seu género ... penso eu ...

P. H. – (Risos) Não, não faz nada o meu género mas fazia o meu género poder viver num meio em que isso fosse possível. Em Inglaterra senti que a riqueza



humana que há em nós é devidamente valorizada! A afirmação da personalidade de cada um é muito apreciada. Aqui, o que acontecia e que de certa forma continuava a suceder é que as pessoas funcionam em massa, há uma massificação no sentir e no agir que me causa muita impressão. Há um pavor do que é diferente ... As pessoas sentem-se fragilizadas perante as demonstrações de posturas genuínas.

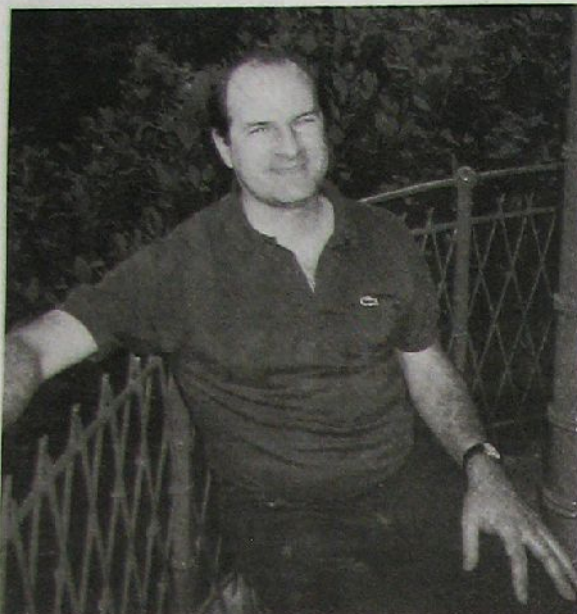
O DIA – Sempre foi muito mais fácil ser igual ao outro. Se-

guir os padrões da oca comodidade. Por vezes, «é só isso que resta», a possível renúncia que alimenta uma vida de morte, é o SPA possível para quem faz da sua vida um empecilho irresolúvel ...

P. H. – (Risos) É uma visão desesperada e também mediocre de quem necessita da aprovação unânime! Nunca quis que isso acontecesse com a minha vida!

O DIA – Há quem tema as tempestades ... Nunca teve esses receios?

Entrevista



P. H. – Não! Felizmente sempre quis enfrentar as tempestades mas sou pela bonança da vida.

O DIA – Sente-se feliz? Com o que é? Com o que faz?

P. H. – É a primeira vez na minha vida que consigo conciliar paixão e rentabilidade económica. Sinto-me especialmente preenchido com a marcenaria e muito sinceramente espero viver desta actividade. Acredito em mim e na relação que estabeleço com o meu trabalho. Isso dá-me uma força interior enorme ...

O DIA – Não sente a falta de um "canudo"?

P. H. – Sinceramente, não! Aqui é muito importante mas para mim não tem a menor importância. Tenho irmãos que tiraram as suas licenciaturas, são médicos, engenheiros, etc, etc, mas para mim sempre foi mais importante a riqueza que adquiri ao longo dos 5 anos que estive em Inglaterra. As minhas buscas foram sempre em função de uma plenitude e esse estágio passa naturalmente também pela conclusão do curso de marcenaria na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva e do que isso me permite realizar ...

O DIA – Qual é a procura que as peças "Obra Nova" têm?

P. H. – Na verdade, não há grande mercado para este tipo de peças.

O DIA – Está a dizer-me que não há poder de compra? Mas estas peças são obviamente para uma elite desafogada economicamente e desafogo económico há quem o tenha eternamente. Com ou sem crise!

P. H. – Concorro inteiramente! Mas estamos a falar de uma oferta muito específica. Não há comparação possível entre peças da marcenaria tradicional e a imitação de móveis antigos, por exemplo, feitos em fábricas do Norte do País ... Hoje em dia, procura-se muito o que é barato e salta à vista. Um entendido sabe dar o devido valor a estas peças, sabe que métodos rigorosos estiveram na construção de uma peça. Estas peças terão sempre vida de geração em geração, transportam consigo memórias, afectos que acabam por não ter preço. Certamente que se vão valorizando com o tempo. Estas peças têm uma vida, uma alma muito própria e com a qual nós comunicamos.

O DIA – Isso é quase como um mistério ...

P. H. – Mas eu sinto este trabalho como um mistério! Sinto que estas peças são especiais, pois são fruto de muita mão humana, em que foi desenvolvida uma dedicação e um amor impossíveis de ser ultrapassados, e até mesmo o suor. Estas peças criam laços profundos ...

O DIA – Quantas horas estão

gastas nestas duas cómodas Luis XVI?

P. H. – Talvez 750 horas de trabalho ao nível destas duas peças ... Foi uma loucura ter feito estas duas cómodas sem ter inicialmente comprador ...

O DIA – É difícil orçamentar uma peça?

P. H. – Está a falar de uma peça feita de raiz ou de uma peça para restauro?

O DIA – Estou a falar de uma peça numa situação não específica.

P. H. – Por exemplo, em relação a peças para restauro, muitas vezes, faz-se um orçamento e no restauro encontram-se inúmeras mazelas, levando-nos a gastar muito mais tempo do que o inicialmente previsto. Geralmente, não há maleabilidade para prever estas situações porque depois corre-se o risco de perdermos o cliente. Há que fidelizar a clientela numa primeira fase.

O DIA – Torna-se complicado fazer o preço justo?

P. H. – É muito complicado! O preço para cada uma destas peças, atendendo ao valor justo da mão de obra, seria incompensável, diria mesmo impraticável ... Nesta fase, onde é fundamental apostar numa gestão, acreditando na viabilidade do projecto desta oficina, tenho que fazer algumas cedências, alguns sacrifícios, até

por amor ao trabalho. Provavelmente em vez de 10 euros, só poderei ganhar 5 euros por hora! Não fique tão espantado!

O DIA – Mas fico! Mas também percebo que o que me diz é "dolorosamente sensato" ... mas ... Como é que se pode rentabilizar um "negócio" com estas características? É uma arte dentro da própria arte?

P. H. – Eu sei que este discurso também é ridículo! Já fui bem mais lírico! (Risos) Se eu disser o quanto ganho a um inglês ele fica escandalizado. Não podemos esquecer que este ofício requer uma mão de obra muito especializada e como tal nunca poderá ter preços acessíveis ... mas a "fasquia não pode ser muito alta", caso contrário não vendo rigorosamente nada! E não é isso que eu pretendo como é óbvio ...

O DIA – Como é que se relaciona com a comercialização das suas peças?

P. H. – Não me importo nada em fazer a comercialização das minhas peças. Apesar de me considerar um bom relações públicas não consigo disfarçar alguma angústia pois as peças em causa têm sempre um valor elevado e não é fácil encontrar quem esteja preparado para as adquirir. Não é fácil encontrar o comprador certo!

O DIA – Teria alguns escrupulos em vender estas peças a

quem delas necessitasse apenas por mera ostentação?

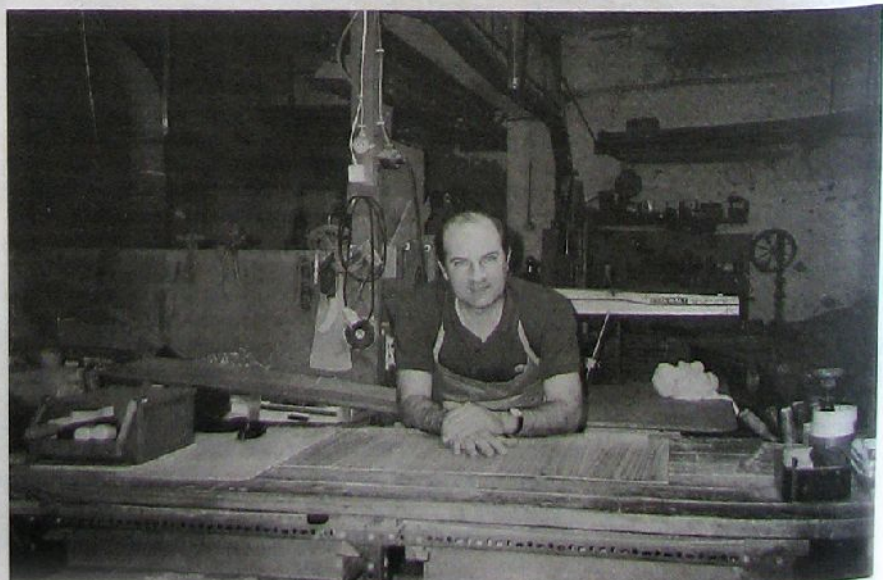
P. H. – Por exemplo, a minha ligação afectiva a estas duas cómodas é relativa. Foram peças que me foram propostas. Eu disse que sim mas não tenho uma relação muito especial com elas.

O DIA – Que peças adoraria fazer por total e puro deleite?

P. H. – Talvez umas cómodas D. Maria I ou um móvel em pau santo. Por exemplo, em casa dos meus pais, há uma cómoda lindíssima, toda em pau santo, transição D. José / D. Maria. Adoraria fazer a réplica desse móvel. Envolver-me-ia profundamente, muito mais do que aconteceu com estas cómodas Luis XVI. Não deveria dizer isto mas é a verdade.

O DIA – Numa era em que cada vez mais se dispensa o trabalho manual, qual o espaço que os ofícios artesanais podem e devem merecer?

P. H. – O nosso País não valoriza minimamente o trabalho manual. Não há consciência do quanto importante é preservar a memória de um saber transmitido de geração para geração através dos séculos. Estamos a atravessar uma fase ainda muito complicada que a maioria dos países europeus civilizados já ultrapassou. Ainda não se compreendeu que a memória não pode ficar diluída. É a nossa Identidade Cultural que está em causa!



Entrevista

O DIA – Este ofício é ideal para “ilustres solitários”?

P. H. – É uma ideia errada que se tem muitas vezes. Sinto-me extremamente acompanhado quando estou a trabalhar com madeira ou num móvel. Às vezes tenho pessoas que trabalham comigo quando há mais encomendas mas trabalhar em conjunto também é muito estimulante. Quando estou só na oficina não dou pelo tempo passar. Sinto-me completamente preenchido.

O DIA – A sensação de enfado nunca o atingiu?

P. H. – Não! Também ainda não tenho motivos para isso. Evidentemente que há partes do trabalho que me despertam mais interesse que outras.

O DIA – Por exemplo, o que é que gosta mais e menos de fazer?

P. H. – Tudo o que seja a nível da montagem das peças, cortar as madeiras, perfilar as madeiras é muito interessante. Depois, a nível de acabamentos, a parte de lixar é talvez a mais aborrecida. A parte do acabamento e que tem a ver com os polimentos é algo que me fascina. O polimento dá uma vida e riqueza enorme a uma peça deste género. Outra situação que se revela aborrecida e que não tem tanto a ver com o que gosto ou não de fazer, relaciona-se, e mais uma vez, a nível de restauro. As pessoas pedem-me para restaurar duas, três, quatro cadeiras, geralmente até acham que não dá trabalho nenhum, o que não é verdade, e o que acontece é que talvez porque não precisem urgente-

“NÃO HÁ CONSCIÊNCIA DO QUANTO IMPORTANTE É PRESERVAR A MEMÓRIA DE UM SABER TRANSMITIDO DE GERAÇÃO PARA GERAÇÃO ATRAVÉS DOS SÉCULOS. ESTAMOS A ATRAVESSAR UMA FASE AINDA MUITO COMPLICADA QUE A MAIORIA DOS PAÍSES EUROPEUS CIVILIZADOS JÁ ULTRAPASSOU. AINDA NÃO SE COMPREENDEU QUE A MEMÓRIA NÃO PODE FICAR DILUÍDA. É A NOSSA IDENTIDADE CULTURAL QUE ESTÁ EM CAUSA!”

mente das cadeiras, deixam-nas aqui três, quatro meses. Entretanto, já fiz o meu trabalho, já investi e depois não consigo capitalizar esse investimento. Infelizmente, acontece imenso neste género de trabalho.

O DIA – É secundária a sua relação com a pintura?

P. H. – A minha relação com a pintura é extremamente complexa. Pinte em pastel de óleo, óleo, aguarelas ... Falo sobre ela com a sensação de que pertence ao passado mas sei que mais tarde ou mais cedo haverá um retorno.

O DIA – Não é uma relação esgotada?

P. H. – De todo! Foi sempre uma relação muito difícil ... A pin-



tura tem muito a ver com a minha afectividade, digamos que a relação que tenho com a pintura é muito intensa, muito emotiva. Quase que perdia o controle de mim mesmo quando pintava, sentia que tinha todos os cavalos à solta sem perceber como é que os poderia agarrar ... Na mercenaria, ao contrário, há uma relação fenomenal entre mim, as máquinas e a madeira. É mais estável!

O DIA – O que é que o assusta? A sua pintura como reflexo?

P. H. – A mercenaria secundarizou toda a minha disponibilidade para a pintura. Só o facto de estar a falar consigo sobre pintura me cria alguma ansiedade. Mas como lhe disse, neste momento é incompatível, não te-

nhu espaço interior.

O DIA – Foi difícil assumir-se como artista perante a sua família?

P. H. – Foi! Mas sabe, a principal dificuldade era eu próprio assumir-me como tal. Tinha medos em assumir a minha faceta artística. Não tinha espaço interior para tal. Por um lado, não era um meio de vida ... Depois, a minha família não aceitava um homem com vocação artística ou que assumisse de forma visível a sua sensibilidade, a sua afectividade. Na minha família isso não seria próprio para um homem, para uma mulher não haveria problema ... É ridículo dizer isto mas hoje sinto-me alegre de me sentir mal a dizer isto!... (Gargalhadas) Mas é verdade, no meu meio, não

era bem visto um homem ter contacto com a sua sensibilidade ...

O DIA – Conseguiu convencê-los?

P. H. – Se aos 17 anos informasse os meus pais de que desejava seguir mercenaria isso seria uma bomba lá em casa! Diriam que eu estava louco! Ser merceneiro? Isso é para pessoas das barracas, sem outro modo de ganhar a vida! É horrível dizer isto! Neste momento, estão muito radiantes com o meu trabalho, gostam e apoiam incondicionalmente aquilo que faço e manifestam a sua felicidade por perceberem que eu, finalmente, encontrei aquilo que gostava. Mas não foi nada fácil chegar até aqui ... Finalmente, caminho de forma mais visível para receber o meu destino!

PEÇAS TÃO CHEIAS DE ALMA ...

Cómodas Luís XVI

«Toda esta cómoda é fabricada segundo processos tradicionais, com os métodos de construção utilizados no século XVIII : o encaixe, o malhete em cauda de andorinha. Toda ela é feita em madeira maciça. A madeira é de cetim, embora vulgarmente se confunda cetim com espinheiro. Toda a estrutura exterior é feita em madeira de cetim maciço e os interiores são feitos em madeira de castanho, igualmente maciça. As pernas são torneadas, feitas num torno manual. Os adereços utilizados nesta cómoda são cinzelados à mão. A pedra utilizada é extremamente rara, só existe na Serra da Arrábida. Em tempos foi muito exportada para Itália. As pedreiras estavam integradas no Parque Natural da serra e foram encerradas. Depois de uma grande procura, encontrei um marmorista que tinha essa pedra. A cómoda é polida a goma laca e os interiores são encerados. Estas peças, excluindo as ferragens, têm cerca de 750 horas de trabalho.»

